

ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA REVOLUÇÃO? INVESTIGANDO OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO USO DE CELULARES MULTIFUNCIONAIS

Aluna: Isabelle B. B. Ferreira

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Introdução:

Ao longo dos séculos, inovações tecnológicas dos mais variados tipos introduziram mudanças nas formas de agir e de viver de homens e mulheres ao redor do planeta. Foi isso o que aconteceu em meados da década de 1990, quando a Internet integrou em rede os computadores das mais diversas partes do mundo e gerou uma nova forma de organização social na qual tudo potencialmente se conecta a tudo: a sociedade em rede.

Mais recentemente ainda, um novo período de transformação foi desencadeado pelo uso dos celulares. Neste segundo momento, as tecnologias da informática e das telecomunicações, que antes convergiam para a criação de novas formas de vida a partir das plataformas fixas dos computadores, passaram a convergir para uma plataforma móvel. Os celulares inteligentes, que conjugam diversas funções, estão mudando comportamentos e as formas de viver de seus milhões de usuários. Porém, sabe-se muito pouco sobre os impactos psicológicos dessa tecnologia.

Tal como no caso da Internet, importantes alterações nas configurações psicológicas poderão ser uma das conseqüências de seu uso cotidiano. Observações preliminares sugeriram, por exemplo, que poderia estar ocorrendo a re-definição das esferas do público e do privado, que novas formas de controle poderiam estar emergindo e que um novo tipo de sociabilidade 24 horas por dia poderia estar sendo instaurado.

Essa pesquisa tem o intuito específico de investigar como mulheres entre 40 e 60 estão usando e sendo afetadas pelo uso do telefone celular. Modificações na forma de lidar, principalmente com seus filhos, estão no centro dos nossos achados.¹

¹ Devido à importância dos resultados encontrados na análise do uso do celular com relação aos filhos, dividimos essa análise em duas partes, segurança e controle, sendo cada aspecto analisado por um membro da pesquisa.

Objetivos:

A atual pesquisa foi inspirada em uma pesquisa exploratória sobre os impactos dos celulares sobre jovens entre 18 e 25 anos realizada, ao longo do ano de 2002.

Dentre os resultados desta (ver Nicolaci-da-Costa 2004), chamaram nossa atenção os constantes e muitas vezes contraditórios depoimentos sobre como, ao mesmo tempo, os jovens se sentem livres por conta dos celulares (na medida em que em que adquirem uma maior autonomia) e se sentem invadidos pelos pais, que usam os celulares para exercer sobre eles novas formas de vigilância e controle.

Tendo em vista a posição central que a vigilância e o controle dos pais ocupa na construção subjetiva de seus filhos, resolvemos investigar em maior profundidade como este controle está sendo exercido pelos pais. Esta decisão foi reforçada por alguns motivos complementares.

O primeiro desses motivos diz respeito ao fato de que a questão do controle surgiu espontaneamente no discurso dos jovens (do roteiro usado nas entrevistas não constava nenhuma pergunta sobre controle). A espontaneidade desses depoimentos é um excelente indicador do quanto esses jovens estão se sentindo invadidos.

Já o segundo está relacionado à questão do rastreamento que vem sendo tão alardeada na mídia e no cinema. Para nossa surpresa, alguns entrevistados falaram em rastreamento, embora mais no sentido da vigilância à distância que já é possível via telefonia celular. O uso da palavra despertou, no entanto, nossa atenção. Sabemos que o rastreamento de pessoas (não necessariamente a partir de dispositivos de identificação, como no caso de animais ou veículos, mas através dos próprios celulares) está se tornando cada vez mais provável. Ao que tudo indica, portanto, a questão do controle e da vigilância está prestes a se tornar ainda mais nevrálgica e merecedora de nossa atenção.

Em função do que esses jovens diziam a respeito do uso de seus pais, principalmente de suas mães, para mantê-los sob vigilância, foi sugerido pela Professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa que a equipe de pesquisa realizasse um levantamento análogo acerca do uso dos celulares por sujeitos que se enquadrassem em um perfil de mães com filhos entre 18 e 25 anos. Além de analisar a questão do controle, aspecto freqüente no relato dos

sujeitos da pesquisa anterior, essa nova pesquisa tem como objetivo investigar os hábitos de uso na faixa etária entre 40 e 60 anos.

A pesquisa analisou como ocorreu a entrada do celular na vida dessas mulheres e as mudanças no seu cotidiano após a inserção dessa tecnologia. Nas entrevistas pudemos acompanhar a evolução de sua maneira de usá-los desde os primeiros momentos até a forma atual.

Metodologia:

A pesquisa foi realizada por meio de 20 entrevistas individuais, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

1)Sujeitos das entrevistas

Alguns critérios foram determinados para o recrutamento dos sujeitos entrevistados: (1) ter entre 40 e 60 anos; (2) ser do sexo feminino; (3) ter filhos entre 18 e 25, que tenham celulares próprios; (4) morar com os filhos; (5) ter celular próprio há no mínimo um ano; e (6) pertencer às camadas médias e urbanas. A seguir, serão explicados os motivos pelos quais esses critérios foram estabelecidos.

O primeiro critério de recrutamento foi estabelecido considerando a idade que correspondesse à possibilidade de ser mãe de jovens entre 18 e 25 anos. Como a faixa etária dos filhos era ampla, também não se poderia limitar muito a idade das “mães”.

Quanto ao segundo critério de recrutamento, decidiu-se fazer apenas entrevistas com mães. Isso porque, na pesquisa realizada com os jovens, observou-se que alguns destes diziam sentir-se controlados, principalmente pelas mães. Sendo assim, na presente pesquisa, os sujeitos tinham de ser do sexo feminino. O terceiro e quarto critérios também foram impostos considerando a pesquisa anterior, a qual já determinava a idade dos jovens, o fato de terem celular próprio e morarem com as mães. Dessa maneira, mantém-se a possibilidade de ser feita uma comparação entre as duas pesquisas.

Em relação ao quinto critério, era necessário que os sujeitos tivessem celulares há no mínimo um ano, pois em outras pesquisas realizadas pudemos constatar que o uso dos

celulares se modifica de forma relevante ao longo do tempo, tendendo a se tornar mais amplo. E, por fim, considerando os estudos que já mostraram que o uso do celular é sensível ao contexto sócio-cultural (Nicolaci-da-Costa, 2004, 2003), ficou definido que os sujeitos deveriam pertencer às camadas médias urbanas. Dessa forma, tem-se a finalidade de delimitar um perfil específico, pois o uso dessas camadas difere do uso das camadas menos favorecidas.

2) Instrumentos de coleta de dados

Como na pesquisa anterior, a coleta de dados subjetivos foi feita a partir de um roteiro especialmente construído com essa finalidade. Como de praxe, um roteiro piloto foi testado (para verificar sua adequação) antes da realização das entrevistas definitivas (este procedimento é discutido em Nicolaci-da-Costa, 1989, 1998 e 2007). Este roteiro foi construído de modo a, simultaneamente, respeitar as diferenças de faixas etárias e tornar possíveis as comparações entre as respostas dos jovens e das mães.

O roteiro definitivo é constituído por uma parte estruturada, referente à idade da mãe, sua ocupação, seu estado civil, número de filhos, idade dos filhos, com quantas pessoas mora e quem são, há quanto tempo tem o celular e quantos filhos têm celulares; e uma semi-estruturada, que contém os principais itens que servem de base para as questões que se pretendia investigar, num total de trinta perguntas, em sua maioria, abertas. Perguntas abertas são caracterizadas por não limitar a resposta do sujeito entrevistado, oferecendo-lhe liberdade para responder da forma que desejar o que lhe é questionado. De modo a atingir os objetivos da pesquisa, as perguntas fechadas – caracterizadas pela limitação da resposta – eram seguidas de perguntas de aprofundamento (como, por exemplo, “por quê?”).

O roteiro foi utilizado como um instrumento para guiar o entrevistador. A entrevista deveria se assemelhar a uma conversa informal, por isso as perguntas não tinham uma ordem estabelecida e não eram lidas, evitando a artificialidade e a inibição do entrevistado. Além disso, para torná-las descontraídas, foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos.

As principais questões presentes no roteiro abordavam as seguintes temáticas: a rotina do uso do celular da entrevistada, as diferenças entre o uso do telefone fixo e do celular, as

formas de relação interacional que perpassam o uso do celular, as mudanças ocorridas diante de seu uso (negativas, positivas, voltar à vida antes do celular), questões cotidianas (quando desliga, se já foi roubado, quebrado, ligações de madrugada etc.) e questões relativas à privacidade e à intimidade.

Roteiro das entrevistas:

I- Requisitos:

- Ter entre 40 e 60 anos
- Ter filhos entre 18 e 25 anos
- Sexo feminino
- Morar com os filhos
- Ter celular próprio há no mínimo um ano
- Classe média / média alta

II- Identificação:

- Idade
- Ocupação
- Estado civil
- Número de filhos
- Idade dos filhos
- Com quantas pessoas mora? Quem são?
- Há quanto tempo tem o celular?
- Quantos filhos têm celulares?

III- Roteiro

- 1) Quando você comprou seu primeiro celular? Por quê?

- 2) Como você usa o seu celular? (Recebe mais / Faz mais ligação? Quem te liga / Pra quem você liga?)
- 3) Qual a maior utilidade do celular para você?
- 4) Quem tem o número do seu celular?
- 5) Qual telefone você usa mais: o celular ou o fixo? Por quê (para quê)?
- 6) Qual telefone você costuma dar primeiro? Celular ou fixo? Por quê?
- 7) Você tem o celular das suas amigas? Elas têm o seu? (Por quê?)
- 8) Tem o celular sempre por perto? Onde? Como?
- 9) Seu celular está sempre ligado? Por quê?
- 10) Você usa a agenda do seu celular?
Em caso positivo: Quem são as pessoas que estão gravadas? Por quê?
Você tem estes números só na agenda do celular?
Em caso negativo: Onde mais?
- 11) Depois que você comprou o celular, como ficou o seu uso do fixo?
- 12) Quando as pessoas te ligam, elas ligam primeiro pra qual? Celular ou fixo?
E, quando você liga para elas, liga pra qual primeiro? (investigar as ligações para os filhos)
- 13) Quem na sua casa tem celular? Eles compraram ou ganharam o celular? (Se ganharam, perguntar de quem e por quê. Se compraram, perguntar por quê).
- 14) Como é a comunicação entre vocês? (família / filhos / e outras pessoas da sua casa)
Eles te ligam mais / você liga mais pra eles? Por quê?
Normalmente vocês se ligam pra quê?
Com que frequência vocês se falam durante o dia? (Enfatizar as ligações para os filhos)
- 15) Quando você liga pro celular de alguém, você costuma perguntar onde a pessoa está? Por quê? No caso das pessoas da sua casa (principalmente os filhos), você pergunta onde eles estão? Por quê?
- 16) Você atende qualquer um no celular em qualquer lugar e a qualquer hora? Em caso negativo: Quem você atende em qualquer lugar e a qualquer hora? Por quê? Como se sente quando liga para alguém e a pessoa não atende? Como se sente se essa pessoa for seu/sua filha? Por quê?

- 17) Você costuma olhar no visor antes de atender? Por quê? (investigar se o(s) filho(s) a identifica(m) antes de atender)
- 18) E toque diferenciado, você usa? (Em caso positivo, para quem e por quê?)
- 19) Como você se sente com a possibilidade de ser encontrada em qualquer lugar a qualquer hora?
- 20) E como você se sente com a possibilidade de poder encontrar as pessoas com quem quer falar em qualquer lugar e a qualquer hora? (Aqui, investigar a questão dos filhos)
- 21) Você costuma receber ligações de madrugada?
Em caso positivo:
No fixo e/ou no celular? (Cuidado para discriminar o que acontece no fixo e no celular)
Quem costuma te ligar? Pra quê?
O que você acha disso?
- 22) E você costuma fazer ligações de madrugada? Pra quem? Por quê?
- 23) Você recebe ligações a cobrar? De quem? Como se sente?
- 24) Você costuma emprestar seu celular? Por quê? Pra quem?
- 25) Se um celular de alguém da sua casa quebrar ou for perdido/roubado, o que acha que aconteceria? Alguém emprestaria o seu? Quem? Para quem?
- 26) Você já teve seu celular quebrado ou roubado? Como foi? Como se sentiu?
- 27) Quais as mudanças positivas que o celular gerou na sua vida? Por quê? Quais as mudanças negativas que o celular gerou na sua vida? Por quê?
- 28) Você gostaria de voltar à vida antes do celular? Por quê?
- 29) O que é privacidade pra você? Mudou alguma coisa na sua privacidade com o uso do celular?
- 30) E intimidade, o que é pra você? Como fica a intimidade com o uso do celular?

3) Procedimentos:

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas presenciais e individuais, conduzidas de forma a preservar as características de uma conversa informal. Ficou a

critério do entrevistado escolher o lugar mais conveniente para a realização da entrevista. Isso foi feito para permitir que ele se sentisse à vontade.

4) Análise de Dados:

Após serem integralmente transcritas, as entrevistas foram submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994, 2002b e c). Tal análise é realizada em duas etapas: a análise inter-sujeitos e a análise intra-sujeitos. A primeira consiste em buscar as respostas predominantes para a maioria dos sujeitos, uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os sujeitos, que são sistematicamente comparadas em busca de recorrências, fato possível visto que todos os sujeitos têm um perfil homogêneo e se pronunciam sobre todos os itens do roteiro. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam possíveis tendências centrais nos resultados, que serão confirmadas ou não na análise individual das entrevistas. A segunda etapa, a análise intra-sujeitos, se dá pela análise de cada entrevista individual e, nela, são investigados os possíveis conflitos e contradições que podem aparecer dentro do discurso de um mesmo sujeito. Essa técnica nos fornece um conhecimento tanto global quanto específico do material coletado e propicia, além disso, a revelação de significados que estão nas entrelinhas dos depoimentos.

Resultados:

a) Uso Genérico:

A grande maioria das entrevistadas revelou preferir usar o telefone fixo para seus contatos telefônicos. Ficou claro que, na maior parte das vezes, o uso que essas mulheres faziam de seus celulares era dirigido principalmente aos filhos, chegando, no máximo, a incluir outros membros do círculo familiar e alguns amigos íntimos (com os quais elas entravam em contato via celular esporadicamente em caso de necessidade).

A este uso restrito estava associado um emprego rudimentar dos sofisticados recursos disponíveis mesmo nos modelos mais simples dos telefones celulares. A maioria das entrevistadas declarou saber apenas ligar e desligar, fazer e receber chamadas. Em outras palavras, elas usavam seus celulares como se estivessem usando um telefone fixo que houvesse adquirido mobilidade de longo alcance.

Joana Pinto (aposentada, 53 anos de idade), por exemplo, afirma que, para ela “Basta ligar e desligar. Esse negócio de entrar na Internet, mandar torpedo (...) pra mim não precisa (...)” Tânia de Castro (professora, 53 anos) e Raquel Dias (economista, 46 anos), entre muitas outras, dizem praticamente o mesmo. Tânia afirma que: “Pra mim é receber a chamada e desligar, só, e acabou. É essa a utilidade do celular (...)” Já Raquel faz a seguinte declaração: “Eu nunca me aprofundo em saber como ele [o celular] realmente funciona. Ele atende às minhas necessidades: ele toca, eu ligo, entendeu? Acabou! Não preciso de mais do que isso.”

Poucas são as mães que fazem uso de outros recursos como torpedos ou toques diferenciados. Somente Elisabeth Dantas (comerciante, 40 anos), que é divorciada e atualmente está iniciando uma nova relação amorosa, informou fazer uso de torpedos. Toques diferenciados também são pouco usados, uma vez que as entrevistadas não conseguem reconhecer sua utilidade na medida em que, quando há mais de um toque, elas acabam não conseguindo reconhecer o toque do seu próprio celular. Apenas uma das entrevistadas, Regina Ribeiro (fonoaudióloga, 46 anos) revelou gostar de toques diferenciados e de fato usá-los. Diz achar que “são musiquinhas muito bonitas”, que ela escolhe “porque cada pessoa tem uma música que parece com ela.”

Um dos poucos recursos próprios de um celular do qual muitas mães, mas não todas, aprenderam a fazer uso – geralmente com os filhos – é o da agenda. Ludmila Alves, (professora de história, 43 anos), por exemplo, diz que: “(...) agora que eu aprendi a colocar os nomes e telefones, tenho usado [a agenda] direto.” Já Lúcia Pinheiro (administradora de imóveis, 51 anos) revela que a agenda é o máximo de sofisticação que seu emprego do celular comporta: “Uso a agenda e falo no telefone, só.”

E quais são os telefones que elas colocam nessas agendas? Geralmente os de sua família e amigos mais chegados. São poucas aquelas que, por razões profissionais, armazenam também os telefones de colegas de trabalho. Este é o caso de Renata Loureiro

(médica anestesiologista, 51 anos), que, além dos telefones da família, tem os telefones de vários médicos armazenados na agenda do seu celular.

Outro recurso usado por muitas é o do identificador de chamadas. Quando seu telefone toca, elas olham o nome ou número que aparece no visor para “filtrar” as chamadas, ou seja, escolher quem irão atender (aquelas que não usam agenda são obrigadas a selecionar números e não nomes). Outras nem mesmo deste recurso fazem uso. Atendem qualquer chamada seja porque são poucas as pessoas para as quais dão os números de seus celulares, seja porque não enxergam quando estão sem óculos (o que acontece com frequência) e não querem correr o risco de não atender os filhos.

A constatação das limitações às quais está sujeito o emprego cotidiano que as mães que participaram da pesquisa fazem de seus aparelhos celulares não deve, no entanto, fazer com que seja subestimada a utilidade que os celulares têm para elas.

b) Uso em Relação aos Filhos

Sem sombra de dúvida, o principal resultado desta pesquisa diz respeito ao uso que as mães entrevistadas fazem de seus celulares em relação a seus filhos. Devido a esse fato, a análise desse tópico foi dividida em duas partes, sendo cada uma realizada por um membro da equipe. A primeira parte diz respeito ao “controle” exercido pelas mães, enquanto a segunda parte se concentra no sentimento de segurança das mães por saberem que seus filhos estão acessíveis. Segue-se uma apresentação dos resultados relativos à questão do controle.

Foi constatado que as reclamações dos jovens da pesquisa anterior muito provavelmente têm fundamento, visto que mães com o perfil muito semelhantes ao das suas de fato utilizam os celulares com a principal função de controlar seus filhos. Contudo, as próprias mães diferenciam esse controle que exercem sobre os filhos daquele ao qual elas próprias foram submetidas. Este último – o controle normativo e coercitivo – foi substituído por um controle diferente, um controle que significa ter conhecimento de onde os filhos estão, com quem estão, a que horas voltam, que está em sintonia com a Era da Informação.

Abaixo seguem alguns exemplos retirados das entrevistas que ilustram esse comportamento.

Para as mães entrevistadas a manutenção de contato constante com os filhos é importante porque – elas admitem explicitamente – esta é a maneira que têm de controlá-los à distância.

Sabrina Padrão (41 anos, advogada) admite abertamente que comprou o celular para seu filho para: “Controlá-lo [rindo bastante]. Controlá-lo não por achar que ele está fazendo alguma coisa errada, mas controlar para saber se ele já chegou em casa (...) essas coisas assim.” Grace Costa (48 anos, comerciante) também é enfática ao declarar que poder encontrar as filhas é sua prioridade. “Poder encontrá-las, saber onde estão, se tá tudo bem.” De modo análogo ao de Sabrina, Grace fala abertamente de controle, hesitando, contudo, ao usar essa palavra antes de qualificar a que tipo de controle se refere. Diz: “Rola esse (...) digamos, controle.” E, imediatamente, complementa: “Eu sou liberal, não proíbo de nada, elas têm liberdade pra sair, voltar quando quiserem. Mas eu gosto e faço questão de estar informada, (...) porque se acontece alguma coisa eu estou mais ciente da situação, entendeu?”

O controle ao qual Sabrina Padrão e Grace Costa fazem referência jocosa ou hesitante antes de qualificá-lo é convenientemente batizado por Márcia Amorim (54 anos, professora secundária) e Rafaela Carneiro (45 anos, administradora) de “controle entre aspas”. As “aspas”, no entanto, não estão restritas aos depoimentos de Márcia e Rafaela nem tampouco à risada de Sabrina ou à hesitação de Grace. Estão presentes em praticamente todos os depoimentos coletados sob a forma destas e de outras formas de distanciamento do significado tradicional da palavra controle, quando esta é usada para se referir à vigilância que mantêm sobre os filhos. Quem tenta explicitar a diferença entre o significado tradicional (aquele vigente na época em que era jovem) e o atual é a recém-citada Sabrina Padrão. Espontaneamente, ela faz a seguinte reflexão:

(...) falando do meu filho, não é porque é adolescente [na realidade, o filho de Sabrina tem 19 anos] que vai fazer besteira (...) Minha geração (...) talvez até tinha mais isso. O controle era para saber se fumava baseado. (...) Mas [agora] se tem algum meio de alguém da sua família, (...) saber onde você está não é para controlar sua vida, mas é para ter segurança porque se surgir um perigo, ocorrer um acidente (...), alguém pode te socorrer.

Joana Pinto (53 anos, engenheira) também tenta explicitar a diferença entre diferentes tipos de controle. Diz que, para ela, a principal utilidade do celular é a de controlar seus filhos, mas imediatamente qualifica esse controle:

(...) quando falo de controle, não é um controle rígido. Eu sou assim, sou mãe coruja (...) eu gosto de ser a galinha, os filhos debaixo da asa. Mas com a liberdade deles. Não sou de ficar perguntando toda hora. Só quero saber o seguinte, vai dormir em casa, tem previsão de chegada?

Renata Loureiro (51 anos, médica anestesista), por sua vez, enfatiza que o celular facilita “estar ciente do que tá acontecendo, nada além disso”.

E “estar ciente” do que está acontecendo, poder acompanhar o que os filhos estão fazendo, ter informação a respeito de onde estão, como estão e com quem estão certamente é o que todas as mães entrevistadas parecem desejar. Como afirma Lúcia Pinheiro (51 anos, administradora de imóveis) a principal utilidade do celular é a de manter as pessoas bem informadas. Em suas próprias palavras: “Estamos no século da informação (...) precisamos estar antenados com o mundo, com as coisas todas que acontecem. Pra mim a utilidade [do celular] é a de poder ser encontrada e encontrar quem eu precisar.” É claro que, também para ela, a prioridade é encontrar os filhos e por eles poder ser encontrada.

Conclusão:

Ao analisarmos o uso que essas mulheres entre 40 e 60 anos fazem de seus celulares, percebemos que aos seus olhos, esses aparelhos são como telefones fixos que ganharam uma maior mobilidade. Isso porque, o uso dos sofisticados recursos que esses aparelhos dispõem é muito restrito, sendo eles utilizados somente para fazerem ligações curtas. Ficou claro também que essas ligações em geral eram destinadas aos seus filhos, ou à pessoas da família.

Foi na análise do uso que as mães fazem de seus celulares especificamente em relação aos seus filhos que encontramos os resultados mais significativos. Como apontamos no resumo publicado no ano de 2006, o intenso contato entre eles é justificado pelas mães como sendo a maneira de controlá-los por elas encontrada. Porém, as próprias mães afirmam que essa é uma forma de controle diferenciada, já que elas apenas tomam ciência

do paradeiro de seus filhos. Não estamos mais falando do controle estudado por Foucault (1975) em “Vigiar e Punir”, mas sim de um controle “entre aspas”, onde o que está em jogo é a informação. É claro que não estamos tão distantes da sociedade disciplinar que se utilizava do controle coercitivo como forma de obter a ordem, mas nossos ouvidos já são capazes de estranhar o uso da palavra controle por essas mães e seus filhos, a ponto de resolvermos que deveríamos estudar mais a fundo no que esse controle está se transformando.

Atualmente, o poder encontra-se diluído na sociedade, o que acarretou mudanças na relação mãe e filho. Outrora, as mães ditavam regras e comportamentos. Hoje vemos que, do ponto de vista de nossas entrevistadas, o direito de determinar horários, condutas e normas se transformou no direito de exigir que os filhos as deixem informadas sobre onde estão, a que horas voltam etc. Como disse uma de nossas entrevistadas, “Estamos no século da informação (...) precisamos estar antenados com o mundo, com as coisas todas que acontecem(...)”, e de fato, parece que as mães estão se adequando à esse novo tipo de controle, mais sutil, que apenas informa.

Referências Bibliográficas:

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2006) Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2006 .

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília: v.24, n.1, p.82-83.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: v.20, n.2, p.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades, 2003, Rio de Janeiro. *Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, v.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002b). Internet: a negatividade do discurso da mídia *versus* a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. *Estudos de Psicologia* (UFRN), volume 7, n.1, pp. 25-35.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2001) *Estamos diante de uma nova revolução? Investigando os impactos psicológicos do uso de celulares multifuncionais*, projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 2001.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1994). A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, volume 10, n. 2, maio/agosto (pp. 317-331).

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1989). Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, volume 4, n. 1/2, (pp. 103-108).